

A liberdade no projeto teológico homem: reflexão bíblico-teológica sobre a liberdade humana

Elizeu Resende Silva¹

Resumo: A liberdade é um dom de Deus que foi concedido ao homem desde a sua criação. Ela, assim, tem um fundamento teológico-antropológico: Deus, livremente, cria o ser humano e concede-lhe a liberdade. Em Jesus, encontra-se o arquétipo da verdadeira liberdade: Jesus revela-nos e nos ensina o caminho para ser livre. Seguir Jesus, por conseguinte, tem exigências próprias (cf. Mt 16,24-28) e nos conduz à liberdade, pois confiamos e aderimos à vontade de Deus. Logo, o ser livre transforma o modo como nos relacionamos com o outro, com o mundo e com Deus. Pela e na liberdade, o homem é chamado à responsabilidade e ao compromisso diante do dom do Criador e a estabelecer novas relações, como podemos ver na

¹ Religioso da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus. Bacharel em Farmácia pela Universidade José do Rosário Vellano (Unifenas), Varginha, Minas Gerais. Bacharel em Filosofia pela Faculdade Dehoniana, Taubaté, São Paulo. Discente do bacharelado em Teologia, na Faculdade Dehoniana. O presente artigo científico é resultado de um trabalho monográfico, apresentado à Faculdade Dehoniana, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Teologia, sob orientação do Prof. Dr. Mário Marcelo COELHO.

parábola do Bom Samaritano (cf. Lc 10,25-37). Além disto, a compreensão da pessoa como ser uno e integral, a formação da consciência de ser livre, a opção fundamental pelo Bem são abordagens fundamentais para pensar a liberdade humana.

Palavras-chave: Liberdade. Ser humano. Consciência. Responsabilidade.

Abstract: Freedom is a gift from God that was granted to man since his creation. It, therefore, has a theological-anthropological foundation: God, freely, creates the human being and grants him freedom. In Jesus is found the archetype of true freedom: Jesus reveals and teaches us the way to achieve free being. Following Jesus, therefore, has its demands (Mt 16:24-28) and leads us to freedom because we trust and adhere to God's will. Thus, free being transforms how we relate to each other, the world, and God. Through and in freedom, human beings are called to responsibility and commitment in the face of the Creator's gift and to establish new relationships, as we can see in the parable of the Good Samaritan (Lk 10:25-37). In addition, understanding the person as a single and integral being, forming the conscience of free being, and the fundamental option for the Good are essential approaches to thinking about human freedom.

Keywords: Freedom. Human being. Conscience. Responsibility.

Introdução

O ser humano é uma criatura complexa e deve ser entendido como um sujeito integral e uno, numa perspectiva totalizante e integradora de realização de toda a sua existência. Existem, ademais, diversas categorias que auxiliam na reflexão do homem como um todo: o homem é pessoa, é ser livre, é ser responsável, é corpo e alma, é um ser espiritual, é ser de relação, é ser de transcendência, é um ser social, por exemplo. Se se considera a perspectiva bíblico-cristã, a compreensão do homem enquanto pessoa caminha progressivamente com a autorrevelação de um Deus com características pessoais que se comunica com a sua criatura e busca estabelecer uma relação dialógica com ela.²

Especificamente, em relação ao homem ser livre e responsável, sobretudo percebe-se a gratuidade de Deus ao criar o ser humano e conferir à sua criatura a liberdade para responder ao dom por Ele ofertado. Nota-se, além disso, a íntima relação entre a liberdade do homem e a sua responsabilidade perante o seu semelhante, a sociedade e o mundo como forma de responder ao chamado que Deus lhe faz.

Jesus, Filho de Deus, é o arquétipo da liberdade, pois soube aderir livremente a vontade do Pai e a Ele foi obediente em tudo. Cientes da liberdade que o homem possui, do projeto divino de salvação para todos os homens revelado em Jesus Cristo e conside-

² Cf. Alfonso GARCÍA RUBIO, “Novos rumos da antropologia teológica”, in Alfonso GARCÍA RUBIO (org.), *O humano integrado: abordagens de antropologia teológica*, 2007, p. 261.

rando o mundo em que vivemos, no qual a verdade é cada vez mais relativizada, cabe refletirmos sobre a consciência de ser livre sobretudo a partir do pensamento teológico da segunda metade do século XX. Além do mais, desenvolveremos uma reflexão sobre a responsabilidade cristã e, à luz da parábola do Bom Samaritano (cf. Lc 10,25-37), perceberemos que ser responsável se dá de forma operosa, generosa e na liberdade criativa. O ser humano enquanto ser livre e responsável, deste modo, não é um mero espectador da realidade que o circunda, mas é chamado por Deus a participar ativamente da história, sendo agente de transformação na sociedade e no mundo.

1. A liberdade a partir dos relatos da criação

A liberdade corresponde a um dom ofertado pelo próprio Deus ao homem. Consequentemente, ser livre é próprio da existência humana e perpassa a sua condição de criatura: finito, concreto e que não é alheio às circunstâncias e condicionamentos de cada época. A liberdade, todavia, não se restringe a um grupo de privilegiados, de sábios ou de escolhidos, mas abarca cada ser humano, o qual foi criado à imagem e semelhança de Deus e é chamado a realização de sua existência como um todo.

Ao se considerar a tradição bíblica, a liberdade está sempre relacionada ao valor primordial da vida: a busca pelo desenvolvimento, manutenção e conservação da vida é o que justifica a liberdade. No Antigo Testamento, o termo liberdade é usado para

distinguir “o estado do homem livre em contraposição ao escravo ou servo (cf. Ex 21,2.5; Lv 19,20), à isenção de impostos (por ex. 1Sm 17,25), à liberdade política (por. ex., 1Mc 14,26)”.³ A liberdade, assim, se encontra vinculada a questões sociais, econômicas e políticas.

1.1. A liberdade como categoria da pessoa humana (cf. Gn 1,26-28)

A liberdade humana foi criada por Deus e a sua realização se dá fundamentalmente diante d’Ele e em obediência a Ele, de quem provém a verdade e o bem. Para mais, a liberdade já estava presente no ato criador de Deus antes mesmo da criação do homem. A criação, primeiramente, funda-se na liberdade do Criador que chama livremente todos os seres à existência. As criaturas, por conseguinte, são criadas na e para a liberdade. O ser humano, especialmente, é a criatura que tem consciência de seu estado de liberdade: ele é um ser livre e tem consciência disso.⁴

Isto posto, no relato da Criação (Gn 1,26-28) narra-se que Deus criou o homem à sua imagem e semelhança. Somada a essa condição dada pelo próprio Criador, o autor sagrado acrescenta a missão de cada pessoa de cuidar de todas as outras criaturas. Percebe-se que há uma afirmação fundante sobre o homem e a

³ Johann B METZ, *Dicionário de Teologia*, v. 3, 1970, p. 157.

⁴ Cf. Renato Alves de OLIVEIRA, “Reflexões antropológicas e teológicas sobre a liberdade humana”, in *Revista de Cultura Teológica*, 100 (2021), p. 171-172.

mulher enquanto criaturas e que são criados por livre vontade divina. Eles, assim, têm um valor irrevogável sobre toda a criação, o qual não deve ser entendido como dominação e exploração, mas sob a ótica do cuidado e do serviço.

Para Irineu de Lião, Deus criou o homem livre, pois desde o princípio conferiu a ele a faculdade de decisão.⁵ Tal capacidade dá à pessoa uma grande autonomia para responder livremente as solicitações do mundo e sobretudo estabelecer uma relação com Deus, a qual se dá pela acolhida e resposta gratuita, e não por leis e obrigações.

A liberdade, por conseguinte, confere ao ser humano o *status* de sujeito e não de um mero objeto. Ela evidencia a dimensão ativa e criativa do homem diante do mundo e do Transcendente. Pela liberdade, o homem é capaz de assumir uma relação afirmativa ou negativa diante de Deus e tomar uma posição verdadeira ou falsa diante dos bens finitos.⁶ Nota-se, assim, o vínculo entre a compreensão de Deus e a autorrealização da pessoa por meio do cuidado, do respeito e da responsabilidade com as demais criaturas e o mundo. A liberdade humana – real, concreta e finita – confere ao homem ser partícipe da criação e zelar por essa: o ser humano é chamado a responder ativamente ao dom ofertado.

Ao se falar de liberdade humana, além disso, é imprescindível ter presente os elementos externos (cultural, social, religioso, por exemplo) e os internos

⁵ Cf. IRINEU DE LIÃO, *Contra as heresias*, 1995, IV, 37, 1.

⁶ Cf. Karl RAHNER, “Dignidad y libertad del hombre”, in Karl RAHNER, *Escritos de Teologia*, 2002, p. 242.

(biológicos, ontológicos, éticos, por exemplo). Há que se considerar as mediações do tempo, do espaço e da história humana. A liberdade se dá sempre de forma contextualizada e situada.⁷ A pessoa é chamada a responder aos condicionamentos e as adversidades de cada época. A liberdade, enfim, implica ao homem uma atitude de resposta livre diante de Deus e de seu contexto e o indaga na busca pela realização total da sua existência.

Percebe-se, assim, a liberdade de Deus ao criar ser humano, a liberdade dada por Deus ao homem e a liberdade do homem para responder, afirmativa ou negativamente, ao seu Criador. Além disto, pela sua liberdade, enquanto ser capaz de avaliar a sua consciência e decidir-se pelo bem e evitar o mal, o homem é chamado a ser partícipe da criação. Ele, deste modo, é convidado a desempenhar no mundo uma tarefa que engloba o cuidado para a manutenção e a conservação da vida de si mesmo e das outras pessoas, do mundo e das demais criaturas.

1.2. O homem no jardim, a autoconsciência da liberdade e as consequências da sua separação de Deus

O relato de Gn 2,4b-3,24 narra que Deus criou o ser humano modelando-o com a argila do solo, insuflando um sopro de vida em suas narinas e, desta forma, lhe dando a vida. Em seguida, Deus con-

⁷ Cf. *Idem, Curso fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo*, 1989, p. 51-52.

cedeu ao homem um jardim e animais que estão a seu serviço. Para mais, vendo que o homem precisava de uma companhia, Deus criou a mulher. O homem, no entanto, pela sua autoconsciência de liberdade, optou por um caminho de desobediência a Deus e sofreu as consequências disso.

Segundo Garmus, o relato de Gn 2,4b-3,24 não tem por intenção contrapor uma realidade do mundo atual a uma situação de “paraíso” primordial, mas fala sobre a expulsão do homem e da mulher do jardim e, por conseguinte, da sua separação de Deus. Trata-se, sobretudo, de questões existenciais: a limitação humana diante da morte, do sofrimento, do pecado, por exemplo, e a relação mútua entre homem e mulher e, ao mesmo tempo, a presença de conflitos.⁸

Para García Rubio, Gn 2-3 indica que o homem é senhor do seu destino (consequências da desobediência a Deus) e vive uma existência dialogal (relação com Deus e relação com a outra pessoa), o que, especificamente, dá por suposta a liberdade e a responsabilidade que distinguem o ser humano dos animais.⁹

Observa-se, inicialmente, a harmonia presente no jardim entre o ser humano e a terra, o ser humano e o Criador, entre o homem e a mulher. Logo, mulher e homem se correspondem e respeitam um ao outro e juntos guardam e cultivam o jardim plantado

⁸ Cf. Ludovico GARMUS, “Uma leitura ecológica dos relatos criacionais de Gn 1-3”, in Ivo MULLER, *Perspectivas para uma nova teologia da criação*, 2003, p. 183-184.

⁹ Cf. Alfonso GARCIA RUBIO, *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*, 2011, p. 127.

pelo próprio Deus. No jardim, “tudo está inter-relacionado e o cuidado autêntico de nossa própria vida e das nossas relações com a natureza é inseparável da fraternidade, da justiça e da fidelidade aos outros”.¹⁰

Existe, contudo, a proibição de Deus ao homem de comer da árvore do conhecimento do bem e do mal. Tal orientação não causa prejuízo à liberdade divina e às potencialidades humanas, mas afirma a liberdade dada à humanidade pelo próprio Criador para tomar decisões.¹¹ O ser humano, assim, é chamado a discernir entre o bem e o mal, de modo a receber o dom ofertado (a vida, a água, os frutos saborosos presentes no jardim, inclusive, os da árvore da vida, por exemplo) por Deus valendo-se da sabedoria e da obediência.

O ser humano, dada a sua liberdade, escolheu um caminho diferente do proposto por Deus. Ao comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, o homem se afasta do caminho da sabedoria, da liberdade e da justiça divina e quer trilhar um caminho próprio. Ele não cumpre o projeto querido pelo Criador e segue um caminho que não permite a sua liberdade.¹² A busca desenfreada pelo saber, pelo conhecimento do bem e do mal e do ser como Deus, por conseguinte, são postos em questão, uma vez que o ser humano não é capaz de dominar nem sequer uma criatura que se arrasta sobre a terra.

10 FRANCISCO, *Laudato Si*, n. 70.

11 Cf. PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *O que é o homem? Um itinerário de antropologia bíblica*, 2022, p. 67.

12 Cf. Maria de Lourdes AUGUSTA, “A arte de humanizar-se: uma releitura de Gn 2,4b-25”, in *Estudos Bíblicos*, 142 (2019), p. 188.

O texto de Gn 2-3, portanto, indica a queda humana no antropocentrismo devido a escolha livre por um caminho contrário ao querido por Deus. O relato também evidencia a autoconsciência como uma capacidade dada pelo Criador ao ser humano. A consciência de si não se limita ao ato de desobediência ou é resultado da queda original. Ela, fundamentalmente, afirma a liberdade humana desde a sua criação e o convite ao homem a escolher a vida (cf. Dt 30,10) para si e para toda a criação.¹³ A autoconsciência de ser livre, assim, é um aspecto central para a pessoa humana. O homem é a única criatura capaz de reconhecer-se livre, de buscar ser livre ao longo de toda a sua existência e de estabelecer uma relação com o Criador, livre e conscientemente.

2. O caminho da liberdade em Jesus Cristo

A Encarnação do Verbo é a expressão máxima da comunicação de Deus a todo o gênero humano. Jesus fez-se semelhante ao homem em tudo (cf. Hb 2,16-18), exceto no pecado (cf. 1Pd 2,22). Ele elevou a condição humana a uma dignidade especial, divinizando-a (cf. 2Pd 1,4). Jesus é enviado “para proclamar um ano da graça do Senhor” (Lc 4,19). Em Jesus, por conseguinte, encontra-se a radical liberdade de aderir e responder com a própria vida ao projeto de Deus.

A liberdade de Jesus, ademais, pode ser exemplificada a partir de relatos bíblicos. O Filho é livre para assumir o projeto do Pai ao rebaixar-se de

13 Cf. Ludovico GARMUS, *op. cit.*, p. 192.

sua condição divina e assumir a natureza humana (cf. Fl 2,6-8). Ele é livre para dizer aos seus pais no Templo sobre o seu dever de ocupar-se com as coisas de seu Pai (cf. Lc 2,49). Além disto, Jesus é livre diante das provações no deserto para aderir de forma convicta a sua missão de anunciar e testemunhar o Reino dos Céus (cf. Mt 4,1-11). Ele é livre para chamar aqueles que quer para serem seus discípulos (cf. Mc 3,13). Jesus é livre para compadecer-se do povo e não se vangloriar ou deixar-se levar pelos milagres que realizava (cf. Mt 9,35-38). Enfim, no momento derradeiro de sua vida, Jesus é livre para rogar ao Pai pelos homens que o crucificaram (cf. Lc 23,34).

2.1. Jesus, o arquétipo da liberdade humana (cf. Mt 4,1-11)

O relato de Mt 4,1-11, em síntese, narra que Jesus foi provado em questões vinculadas ao prazer, ao ter e ao poder. Tais elementos não tiram a liberdade humana, mas são muitos atrativos e, por vezes, condicionam o agir livre de cada pessoa e a sua capacidade de escolher pelo bem. Por exemplo, pode-se fazer uma alusão, ainda que distante, com a liberdade de Jesus diante das provações e a não-liberdade do homem e da mulher diante da proposta sedutora da serpente no jardim (ainda que seja uma metáfora simbólica, possui a sua considerável carga de sentido).

O caminho livremente escolhido por Jesus corresponde a uma resposta de serviço. É o caminho do servo sofredor presente na profecia de Isaías. Jesus

não se deixa seduzir ou conquistar pelas ofertas de satisfações próprias, de triunfo e de glória, mas adere fielmente à vontade de Deus e às implicações dessa escolha. Somado a isto, ao longo da sua vida, Jesus não cedeu aos assédios do povo, das autoridades e dos discípulos que não compreendiam a proposta do Reino de Deus. Em Mt 12,39.16,4, por exemplo, vê-se que Jesus recusa operar grandes milagres como se fosse um taumaturgo.¹⁴ Jesus, enfim, anuncia a proposta de Deus para o homem e entrega a sua vida em prol do projeto divino de salvação para toda a humanidade.

Além do mais, é mister considerar a presença do Espírito na preparação para a missão que Jesus vai assumir. O relato das provações de Jesus vem após o Batismo e a manifestação de Deus sobre o Seu Filho amado. Consequentemente, a liberdade verdadeira e autêntica de Jesus está em deixar-se conduzir pelo Espírito. Jesus em toda a sua vida deixou-se iluminar, guiar, dirigir e impulsionar pelos apelos do Espírito.¹⁵ A liberdade, assim, reside no acolhimento da presença do Espírito que santifica e sabe as necessidades de cada época e tempo da história. Jesus não anuncia a si próprio, mas, livre e na plena confiança em Deus-Pai, abandona-se a um projeto que visa resgatar a liberdade de todos os homens.

Deste modo, a liberdade anunciada e vivenciada por Jesus é modelo para todos os homens. Contrapondo as atitudes do homem e da mulher no

14 Cf. Giuseppe BARBAGLIO; Rinaldo FABRIS; Bruno MAGGIONI, *Os Evangelhos I*, 1990, p. 95.

15 Cf. FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, n. 280.

Jardim, Jesus, diante das provações, não se deixou seduzir e enganar pelas promessas de prazer, de poder e de glória. Jesus não quer se fazer como Deus ou quer colocar Deus à prova, mas anuncia que a liberdade e o relacionamento com Deus se dão através do acolhimento, da escuta, da relação, da fidelidade e da obediência a vontade de Deus.

Percebe-se, portanto, que o homem é livre e, ao mesmo tempo, a sua liberdade é frágil, dado que é limitado, finito e suscetível ao mal, por exemplo. A liberdade deve ser constantemente conquistada para o bem. Trata-se de um processo de livre adesão a Deus e ao bem, o qual faz da pessoa membro participativo e decisivo no projeto divino. A escolha pelo bem, deste modo, não se centra numa estrutura exterior ao homem, pois, se assim fosse, a liberdade humana seria negada.¹⁶ Em Jesus Cristo, enfim, encontra-se a liberdade exemplar da fidelidade e obediência à vontade divina. Jesus não se valeu da sua condição divina, mas trilhou o caminho de forma despojada e livre diante das pessoas, das autoridades judaicas, do sistema religioso e do próprio Deus. Tal liberdade de Jesus serve de arquétipo para a liberdade, à qual Deus chama os seus filhos.

2.2. A liberdade como condição para o seguimento a Jesus (cf. Mt 16,24-26)

As exigências do discipulado (cf. Mt 16,24-27) correspondem a seguir Jesus, a ir atrás dele e, en-

¹⁶ Cf. BENTO XVI, *Spe Salvi*, n. 24.

fim, a trilhar os seus passos por meio de um despojamento radical e de liberdade plena, a qual centra-se na resposta generosa diante Deus. Percebe-se, assim, a necessidade do discípulo de negar-se a si mesmo, de tomar a sua cruz e seguir o Senhor. Trata-se de ser livre para acolher a vontade de Deus, a qual supera os objetivos e os desejos humanos, para alcançar a vida verdadeira (cf. Mt 10,38-39).¹⁷ Neste horizonte, a liberdade de Jesus para aderir ao projeto de Deus é o convite para que cada um carregue a sua própria cruz e, livremente, siga ao Senhor.

A liberdade do seguimento a Jesus Cristo, em vista disto, perpassa condições fundamentais para a vida do discípulo (cf. Mt 16,24). Dentre as quais destacam-se o renunciar a viver para si mesmo, ou seja, a não se centrar sobre um egocentrismo e individualismo; a carregar a própria cruz, o que significa a disponibilidade até a morte, se for necessário; e seguir Jesus, Servo e sofredor. A renúncia de si mesmo, das buscas e dos interesses próprios é dada como pressuposto para a adesão radical ao Senhor. Para mais, destaca-se a renúncia a si mesmo por Jesus Cristo, que corresponde a estar em comunhão com a sua pessoa e a entrar na vida eterna (v. 25) e a renúncia ao acúmulo aos bens deste mundo, os quais podem levar o homem a separar do Senhor (v. 26).¹⁸

O seguimento à proposta de Jesus, por conseguinte, exige o compromisso de toda a pessoa com

17 Cf. Massimo GRILLI; Cordulla LANGNER, *Comentario al Evangelio de Mateo*, 2011, p. 432.

18 Cf. Giuseppe BARBAGLIO; Rinaldo FABRIS; MAGGIONI Bruno, *Os Evangelhos I*, 1990, p. 261.

a sua própria cruz. Percebe-se, por exemplo, que as pessoas passam por dificuldades, problemas, fraquezas e sofrimentos, por vezes maiores ou menores, mas não sem desafios no seu dia a dia. Os discípulos de Jesus também não estão isentos de sofrimentos e quedas, uma vez que são frágeis e limitados como todos os homens.¹⁹ Os seguidores do Senhor, assim, são pessoas com cruzes (cf. Mt 11,28) que encontram em Jesus a liberdade e o sentido para as suas vidas e para significar o sofrimento e a sua existência como um todo.

A liberdade do discípulo, em vista disso, reside em responder positivamente ou não ao chamado à vida verdadeira e feliz (cf. Mt 11,29-30), a qual se dá através da adesão e fidelidade à vontade de Deus. Neste horizonte, a graça de Deus derramada no coração humano, a qual quer o homem livre e feliz; o testemunho dado primeiramente pelo próprio Jesus e o entusiasmo daqueles que outrora optaram pelo Reino servem para encorajar os homens e as mulheres para que sigam livremente a Jesus ainda hoje.²⁰ Como afirma Paulo, a graça é capaz de justificar os pecados (cf. Rm 3,23). Logo, a graça pode ser compreendida como o dom do próprio Deus para que o homem alcance a liberdade.

O homem, portanto, é livre para responder à graça divina. Deus não retira a sua liberdade humana ou lhe impõe a aceitar o seu projeto, mas, ciente da liberdade que concede a sua criatura, espera uma resposta consciente e livre diante do dom ofertado e a escolha pelo bem.²¹

19 Cf. Massimo GRILLI; Cordulla LANGNER, *op.cit.*, p. 433.

20 Cf. *Ibidem*.

21 Cf. CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, *Constituição pastoral “Gaudium et Spes” sobre a Igreja no mundo de hoje*, 2011, n. 17.

3. A consciência de ser livre e a responsabilidade cristã

As palavras liberdade, fidelidade e responsabilidade, em si ou todas juntas, não abarcam a totalidade que é a pessoa. Contudo, elas, em Jesus Cristo, ganham a força e o dinamismo para uma teologia moral, na qual a visão de homem está enraizada na sua relação com o Criador e nos desdobramentos práticos dessa na sociedade e no mundo.²²

Ao percorrer um itinerário bíblico-teológico, nota-se uma história da salvação, na qual o homem é criado livre e em nenhum momento tem a sua liberdade negada. Além disso, observa-se sobretudo que Deus quis contar com a liberdade humana para participar do seu projeto: Abraão, Moisés, os profetas, João Batista, Maria, os apóstolos, Paulo, Francisco de Assis, Francisco de Sales, Madre Teresa de Calcutá, Irmã Dulce e tantos homens e mulheres ao longo da história aderiram aos apelos de Deus e buscaram transmitir ao mundo a sua mensagem. O ser humano, deste modo, é um ser de liberdade e, ao mesmo tempo, um ser de responsabilidade.

3.1. A formação da consciência

A formação da consciência da pessoa, em sua profundidade, complexidade e função que exerce na vida moral prática, deve necessariamente funda-

22 Cf. Bernhard HAERING, *Livres e fiéis em Cristo: teologia moral para sacerdotes e leigos*, v.1, 1979, p. 62.

mentar-se no horizonte do bem e do correto. O empenho para formar uma consciência correta, desta forma, é essencial para que cada pessoa, não obstante às circunstâncias e condicionamentos, consiga compreender os valores éticos fundamentais (cf. Mt 6,22-23).²³ Tal empreendimento para alcançar uma consciência reta requer vigilância, participação ativa e esforço do homem, e tem como fruto a liberdade, a responsabilidade e o domínio de si diante das solicitações da vida.

Nos dias atuais, afirma-se que todos os homens são livres. Tal afirmação é cada vez mais recorrente. Contudo, a liberdade difundida em nossos dias ressalta sobretudo o individualismo, o egoísmo e o hedonismo. A liberdade plena, no entanto, só se pode encontrar em Jesus Cristo e na participação de Seu mistério.²⁴

Posto isso, diante de uma realidade de pluralidade cultural e, particularmente, da crescente busca pelo novo, na qual não se valoriza o sentido e o significado das experiências, é fundamental uma educação que tenha como cerne a liberdade e a responsabilidade de cada pessoa para superar as diferenças e considerar valores éticos comuns. Além disso, a educação da consciência deve ser um processo gradativo que se prolongue por toda a vida.²⁵ Para os cristãos, especificamente, a formação da consciência corresponde ao

²³ Cf. CAT n. 1783-1785.

²⁴ Cf. Bernhard HAERING, *A Lei de Cristo: a vida em comunhão com Deus*, 1964, p. 2.

²⁵ Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, *Ética: pessoa e sociedade*, 1993, n. 108.

processo de livremente aderir Deus e a responsabilidade de ser parte ativa na construção do seu projeto salvífico para toda a humanidade.

O homem, assim, ao longo de sua existência, deve buscar, aprender e aprofundar princípios e valores que sirvam como bases para a sua vida. Tais elementos são fundamentais para ser livre.²⁶ Os ciclos de convivência – familiar, escolar, amizades, trabalho, social, cultural, por exemplo – contribuem para o questionamento dos valores adquiridos e, ao mesmo tempo, consolidam aqueles que não são renunciáveis para os cristãos.

Ser consciente, por conseguinte, é algo próprio e inerente ao ser humano, uma vez que o homem tem a consciência de que existe e de que é chamado a trilhar um caminho proposto pelo próprio Deus.²⁷ A reflexão sobre a formação da consciência deve ter em conta a compreensão integral da pessoa e as contingências às quais ela se encontra como espaço, cultura, tradição e grupo, por exemplo.

O Papa Francisco, sensível ao tempo presente, afirma que uma consciência humana anestesiada e o distanciamento dos valores religiosos estão entre as raízes da sociedade contemporânea. Soma-se a isto um individualismo exacerbado e as ideias materialistas que invertem a relação homem e Deus, divinizando o homem e substituindo o Transcendente pelos valores do mundo.²⁸

Assim sendo, a Igreja, o Estado, as estrutu-

26 Cf. Bernhard HAERING, *A Lei de Cristo: a vida em comunhão com Deus*, 1964, p. 154.

27 Cf. Marciano VIDAL, *op.cit.*, p. 126.

28 Cf. FRANCISCO, *Fratelli Tutti*, n. 275.

ras da sociedade e cada pessoa, no âmbito e alcance que lhe for possível, devem favorecer a formação do juízo da consciência, a fim de viver segundo a verdade e a liberdade, respeitando os princípios éticos fundamentais como a vida, a liberdade e a dignidade de pessoa, por exemplo.²⁹ É fundamental contar com a graça divina para que, dóceis à ação do Espírito Santo, cada um consiga alcançar o desenvolvimento de uma consciência livre.

3.2. A responsabilidade cristã

A responsabilidade cristã, especificamente, refere-se à capacidade do homem doar-se ao Deus Uno e Trino. Tal dimensão é própria do homem e, à luz de Jesus Cristo, os cristãos são chamados a entregar todas as suas aspirações e atitudes, enfim, toda a sua vida consciente a Deus através de uma obediência filial e confiando na graça divina.³⁰ A responsabilidade cristã, deste modo, se encontra intimamente ligada à resposta de fé: ser responsável conjuga a adesão ao projeto de Deus no âmbito da fé e da vivência prática cotidiana.

A responsabilidade cristã, portanto, é a resposta, por meio da obediência de fé, que o homem dá quando, aberto à escuta da Palavra e à ação do Espírito, recebe o chamado à sua vocação – vivência da caridade e da fraternidade, por exemplo – como

29 Cf. Bernhard HAERING, *A Lei de Cristo: a vida em comunhão com Deus*, 1964, p. 216.

30 Cf. *Idem*, *Livres e fiéis em Cristo: teologia moral para sacerdotes e leigos*, v. 1, 1979, p. 64.

um dom. Em contrapartida, se o ser humano se fecha em si mesmo e despreza a perspectiva do dom de Deus que livremente se oferta, ele não se dispõe a corresponder a sua vocação. Por conseguinte, quando o homem busca a sua autorrealização como fim e o fundamento de suas atitudes, Deus é ignorado do seu projeto.³¹

A pessoa deve, recorrendo à graça divina, esforçar-se para não se fechar no egoísmo e no individualismo, nos quais a autorrealização e autossatisfação assumem o centro e põem em risco a integridade do ser humano enquanto ser biopsíquico, social e espiritual. Ademais, a pessoa voltada em si mesma não responde ao chamado à liberdade que Deus lhe concedeu, à medida que não caminha para encontrar a vida verdadeira que se dá em Cristo. Em Jesus, a pessoa encontra a sua identidade verdadeira: ela é filha e é chamada a participar de forma corresponsável do projeto de Deus para os homens e para o mundo.³²

Ser responsável, assim, está diretamente relacionado com a liberdade, pois ser livre compreende fundamentalmente a aceitação ao chamado a uma vida ética, a qual se dá por meio do reconhecimento dos direitos e dos deveres pessoais e coletivos. A liberdade, desta forma, não se limita a libertação de um sistema ou pessoa a que se está submetido, mas sobretudo a responder e assumir princípios éticos fundantes que norteiem a vida como um todo. O ser humano, em seu contexto histórico, é chamado a empenhar-se pela libertação, a combater a alienação, a interpelar e

31 Cf. *Ibidem*.

32 Cf. *Ibidem*.

superar situações que diminuem ou afetam a sua liberdade, por exemplo.³³

Para os cristãos, particularmente, o seguimento e sobretudo a configuração a Cristo é o fundamento essencial e original de sua moral. Ser cristão significa a nobre vocação de ser filho no Filho. Consequentemente, o discípulo de Jesus, para o qual é atraído pelo próprio Pai, está intimamente ligado a Ele pelo seguimento e pela transformação de sua própria vida (cf. Jo 6,44). Não se trata, portanto, de somente ouvir um ensinamento, de acolher na obediência um mandamento, mas sobretudo de uma atitude de despojamento, de adesão radical à própria pessoa de Cristo, de compartilhar a sua vida e o seu projeto, de participar de sua obediência livre e amorosa à vontade do Pai.³⁴

A pessoa, quando participa nesse processo, se abre para escutar a Deus. Somado a isto, a atitude humana em seu aspecto mais central, na qual a pessoa considera a sua vida como um todo e consegue estabelecer um sentido em Deus, corresponde à opção fundamental. A opção fundamental, enquanto algo que é próprio do homem, está intimamente atrelada a liberdade humana. Tal opção, para os cristãos, centra-se na adesão radical a Jesus Cristo e, enfim, numa existência ressignificada e pautada n'Ele.³⁵ O cristão, deste modo, é aquele que acolheu os ensinamentos, os valores e o testemunho de Jesus Cristo em seu co-

33 Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, *Ética: pessoa e sociedade*, 1993, n. 75.

34 Cf. JOÃO PAULO II, *Veritatis Splendor*, n. 19.

35 Cf. Marciano VIDAL, *op.cit.*, p. 143-145.

ração, deixou-se transformar por eles e os vivencia na realidade concreta de sua vida.

3.2. A responsabilidade cristã na liberdade criativa à luz de Lc 10,25-37

A criatividade por excelência se encontra em Deus: N'Ele todas as coisas se significam (ou ressignificam?), se renovam e se transformam. Ao ser humano, todavia, Deus, que se revelou em Jesus Cristo de forma plena, mostra que não quer uma existência centrada numa aplicação e repetição de leis e preceitos ou de estereótipos que não tem nada a dizer para si e para realidade em que se encontra. Logo, Deus pede uma resposta criativa ao homem, a qual seja sensível ao tempo em que se vive e manifesta uma generosidade que transpõe o cumprimento de leis e normas somente.³⁶

Neste horizonte, a parábola do Bom Samaritano é paradigmática, pois ela testemunha a superação do conceito jurídico de amor restrito ao grupo da Aliança e a necessidade de amar a todo homem independente de sua nação, raça ou língua, por exemplo. Somado a isto, o relato de Lc 10,25-37 é um chamado à mudança de mentalidade: do próximo como objeto ao próximo enquanto pessoa – ser livre e amado por Deus – e a quem cabe a nossa misericórdia e amor. O próprio Jesus diz: “Vai, e também tu, faze o mesmo” (Lc 10,37).

36 Cf. Bernhard HAERING, *Livres e fiéis em Cristo: teologia moral para sacerdotes e leigos*, v. 1, 1979, p. 71.

Por conseguinte, cabe ao homem uma resposta criativa fundada na liberdade, na escuta, na interiorização, na adesão, no questionamento, no diálogo, no compromisso, na responsabilidade, na corresponsabilidade, na fé e na proximidade, por exemplo. Logo, trata-se de um projeto global de salvação aberto ao homem. Deste modo, o homem responde criativamente à medida que é capaz de alegrar-se com os que se alegram, de entristecer-se com os tristes, de suportar e compadecer com o sofrimento do outro, e de cultivar e propagar a esperança. Enfim, a criatividade da resposta se constata pelo amor ao bem e a rejeição ao mal em todas as situações.³⁷

Os cristãos, em vista disto, tem em Cristo a fonte primeira de criatividade. Isto porque por meio do encontro com Ele alcançam a alegria, a paz, o amor, enfim, a sua própria identidade como um ser livre e digno. Em Jesus Cristo, o homem é chamado a um amor criativo que se estende aos outros e, ao mesmo tempo, que contribui para o caminho da realização pessoal. Não existe, assim, um movimento de mão única em direção do outro somente, mas o ser livre para os outros é possibilidade para o desenvolvimento criativo da liberdade pessoal.³⁸

Essa corresponsabilidade foi ensinada pelo próprio Jesus: Ele estimula os seus discípulos a crescerem não somente na liberdade pessoal, mas também na social. Consequentemente, não se é livre verdadeiramente quando o discurso se prende a falsas

³⁷ Cf. *Ibidem*, p. 71-73.

³⁸ Cf. *Ibidem*, p. 73-74.

seguranças como o poder, a estrutura, a conquista de uma posição superior, a liberdade pessoal em detrimento da social, por exemplo. Antes, porém, a adesão e fidelidade a Cristo é o que torna o discípulo livre.³⁹ Logo, o cristão para viver a liberdade deve orientar-se radicalmente por Jesus Cristo.

A parábola do Bom Samaritano (cf. Lc 10,25-37) é exemplar para demonstrar a responsabilidade na liberdade criativa. Ela é rica de ações que expressam a adesão do samaritano a um projeto maior e a responsabilidade em relação ao próximo: “viu-o”, “moveu-se de compaixão”, “aproximou-se”, “cuidou de suas chagas”, “colocou-o em seu animal”, “conduziu-o à hospedaria” e “dispensou-lhe cuidados” (cf. Lc 10,33-35).

Em síntese, a parábola demonstra que o próximo, o responsável é todo aquele que se aproxima do outro com amor operativo e generoso, desconsiderando as implicações religiosas, culturais e sociais.⁴⁰ Ela possibilita estabelecer uma relação entre a liberdade humana e a responsabilidade, à luz das exigências do Evangelho. O homem livre é chamado a responder de forma responsável e criativa a Deus e aos apelos do próximo, da sociedade e do mundo. A parábola, por conseguinte, lança luzes para pensarmos como é ser livre de forma real e concreta. Somado a isto, ela apresenta ações e gestos que demonstram a responsabilidade daquele que aderiu livremente diante dos apelos de Deus na pessoa do que estava caído à margem.

39 Cf. Bernhard HAERING, *Livres e fiéis em Cristo: teologia moral para sacerdotes e leigos*, v. 1, 1979, p. 76.

40 Cf. Joseph RATZINGER, *Jesus de Nazaré: Do Batismo no Jordão à Ressurreição*, 2007, p. 175.

A pessoa responsável e livre, portanto, tem a sua vida marcada pelo equilíbrio que provém de uma segurança experimentada na consciência, na palavra e na ação. Tal equilíbrio possibilita a pessoa a não ser excessivamente escrupulosa, nem auto defensiva, mas, à luz de Jesus Cristo, coerente, sincera, e, enfim, uma voz profética no contexto em que se encontra em defesa da liberdade e dos valores cristãos.⁴¹

Considerações Finais

A liberdade tem como arquétipo Jesus Cristo, pois Ele aderiu e cumpriu fielmente em tudo a vontade do Pai. Jesus poderia ter escolhido um outro caminho, mas deixou-se conduzir pelo Pai até a entrega total de Si mesmo na Cruz. Em Jesus, assim, encontra-se a fonte e o fundamento para a reflexão da liberdade e, somada a esta, da responsabilidade intrínseca aos discípulos de Jesus. Em Jesus Cristo, torna-se explícito o projeto de salvação de Deus para o homem. Pode-se afirmar um projeto global de salvação ao longo de toda a história, no qual Deus cria livremente o ser humano, chama-o à liberdade e quer vê-lo salvo e feliz.

Contextualmente, a liberdade é abordada de várias formas e muitas delas se referem a uma liberdade aparente e superficial, que está centrada no poder, no ter, no prazer, por exemplo. A liberdade cristã, contudo, tem um rosto – Jesus Cristo – e n’Ele somos

41 Cf. Bernhard HAERING, *Livres e fiéis em Cristo: teologia moral para sacerdotes e leigos*, v. 1, 1979, p. 89.

chamados a responder ao chamado à vocação de ser livre. Pode-se, todavia, questionar como ser livre se há uma relação de dependência ou se precisa estabelecer uma relação com a vontade de Deus. A liberdade cristã, longe de privar ou restringir o homem em algum aspecto de sua vida, revela ao homem quem verdadeiramente ele é, que tem uma liberdade criativa e como se dá a sua responsabilidade em relação ao outro, ao mundo e a toda criação.

A liberdade, portanto, é dom de Deus dado ao homem. O homem, em vista disto, é chamado a responder a gratuidade divina de forma ativa, concreta e real no contexto em que se encontra. Cabe destacar que a liberdade é construída ao longo de toda a existência, pois deve-se considerar diversos elementos que condicionam ou não a liberdade da pessoa. Nesta perspectiva, a reflexão sobre a autoconsciência de ser livre, sobre a opção fundamental, sobre a formação da consciência e, enfim, sobre a pessoa enquanto ser uno e total, sempre deve ser revisitada à luz dos saberes teológicos de modo a contribuir para a melhor vivência do homem no mundo e em Deus.

Referências Bibliográficas

AUGUSTA, Maria de Lourdes. “A arte de humanizar-se: uma releitura de Gn 2,4b-25”. In *Estudos Bíblicos*. 142 (2019), São Paulo, p. 181-198.

BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo; Maggioni, Bruno. *Os Evangelhos I*. São Paulo: Loyola, 1990.

BENTO XVI. *Carta Encíclica “Spe salvi” do Papa Bento XVI sobre a esperança cristã*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2007 (Documentos do Magistério).

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002. Nova edição, revista e ampliada.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição pastoral “Gaudium et Spes” sobre a Igreja no mundo de hoje*. 17 ed. Paulinas: São Paulo, 2011 (A voz do Papa 41).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Ética: pessoa e sociedade*. São Paulo: Paulinas, 1993 (Documentos CNBB 50).

FRANCISCO. *Carta Encíclica “Fratelli Tutti” do Papa Francisco sobre a fraternidade e a amizade social*. São Paulo: Paulinas, 2021 (A voz do Papa 210).

_____. *Carta Encíclica “Laudato Si” do Papa Francisco sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2015 (Documentos do Magistério).

_____. *Exortação Apostólica “Evangelii Gaudium” do Papa Francisco sobre o anúncio do evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulinas, 2013 (A voz do Papa 198).

GARCÍA RUBIO, Alfonso. “Novos rumos da antropologia teológica”. In GARCÍA RUBIO, Alfonso (org). *O humano integrado: abordagens de antropologia teológica*. Petrópolis – RJ: Vozes, 2007.

_____. *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*. São Paulo: Paulus, 2011.

GARMUS, Ludovico. “Uma leitura ecológica dos relatos criacionais de Gn 1-3”. In MULLER, Ivo. *Perspectivas para uma nova teologia da criação*. Petrópolis – RJ: Vozes, 2003.

GRILLI, Massimo; LANGNER, Cordulla. *Comentário al Evangelio de Mateo*. Estella – Espanha: Verbo Divino, 2011.

HAERING, Bernhard. *A Lei de Cristo: a vida em comunhão com Deus*. 2 ed. São Paulo: Herder, 1964.

_____. *Livres e fiéis em Cristo: teologia moral para sacerdotes e leigos*. São Paulo: Paulinas, 1979 (volume 1).

IRINEU DE LIÃO. *Contra as heresias*. São Paulo: Paulus, 1995 (Coleção Patrística 4).

JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica “Veritatis Splendor” do Papa João Paulo II sobre algumas questões fundamentais do ensino moral da Igreja*. 7 ed. São Paulo: Paulinas, 2004 (A voz do Papa 130).

METZ, Johann B. *Dicionário de Teologia*. São Paulo: Loyola, 1970, p. 157 (volume 3).

OLIVEIRA, Renato Alves de. “Reflexões antropológicas e teológicas sobre a liberdade humana”. In *Revista de Cultura Teológica* 100 (2021), São Paulo, p.168-205.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *O que é o homem? Um itinerário de antropologia bíblica*. Brasília: Edições CNBB, 2022.

RAHNER, Karl. *Curso fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 1989.

_____. “Dignidad y libertad del hombre”. In RAHNER, Karl. *Escritos de Teologia*. Madrid: Cristiandad, 2002, p. 231-257 (volume 2).

RATZINGER, Joseph. *Jesus de Nazaré: Do Batismo no Jordão à Ressurreição*. São Paulo: Planeta, 2007.

VIDAL, Marciano. *Moral de opção fundamental e atitudes*. São Paulo: Paulus, 1999 (Nova Coleção Ética).